

A UNIVERSIDADE E O (seu) *PROFESSOR*

*Glauco Nunes Souto Ramos*¹

Há um bom tempo, tenho percebido a forte existência de uma questão bastante complexa no que se refere à formação profissional - dos diversos profissionais nas diversas áreas - e a sua relação com uma fatia representativa do mercado de trabalho: a Universidade, ou o *professor* universitário.

Será que já paramos para pensar sobre a origem acadêmico-profissional dos *professores* das Universidades públicas em nosso país? Ou, em outras palavras, será que os *professores* universitários são, de fato, professores?

Um ponto que me parece fundamental e básico antes de qualquer outra consideração é o simples e perceptível fato de que, na maioria dos casos e dos cursos, o profissional que é contratado para desempenhar as funções de Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública - o chamado *professor* - não teve durante toda a sua formação (exceto os graduados em alguma LICENCIATURA) algum tipo de conhecimento sistematizado sobre questões ligadas ao ensino.

Qual curso de graduação, formador de bacharéis de Direito, Biologia, Matemática, Ciências Contábeis, Física, Ciências Sociais, ... apresenta, em sua grade curricular, disciplinas que ofereçam subsídios aos futuros profissionais (bacharéis!) para a tarefa de ensinar?

Evidentemente, vislumbro a “tarefa de ensinar” como sendo algo profissional, proveniente da aquisição de conhecimentos sistematizados sobre o assunto, compromissado, ético; e não como nos têm demonstrado alguns profissionais, políticos e até mesmo alguns *professores*, como uma “vocação” ou um “dom” ligados ao voluntarismo de algumas pessoas bem intencionadas² - creio que o tempo romântico de nossa educação já não existe mais!

Trocando em miúdos, quando os bacharéis das mais diversas áreas tiveram condições/opportunidades de vivenciar uma situação real de ensino, desde o seu planejamento, determinações de objetivos, conteúdos, estratégias de aula, aula propriamente dita, até a avaliação?

Seus cursos de graduação (BACHARELADO), no geral, se caracterizam pela forte ênfase nos estudos, na pesquisa e no profissionalismo, se opondo às situações “inferiores” do professor, destinadas às pessoas que

possuem “amor” para ensinar e vocação para as baixas remunerações (licenciaturas)...

É preciso deixar claro, que isto não é um tratado em favor das licenciaturas e contra os cursos de bacharelado! Não estou afirmando, em momento algum, que os cursos formadores de professores se bastam, sendo ótimos e suficientes. Não são! Apenas, que eles tratam das questões ligadas ao ensino, à educação. E os cursos de bacharelado, não.

Poderíamos pensar o seguinte: o profissional (bacharel) que queira se tornar um *professor universitário*, isto é, trabalhar na Universidade pública com a pesquisa, a extensão e o ensino, deverá, através do curso de pós-graduação como o mestrado e doutorado, aprofundar seus estudos e obter qualificação para o exercício profissional no ensino superior. Afinal de contas, um dos objetivos desses cursos é a “formação de profissionais para o 3º grau”.

Mas, será que os cursos de mestrado e doutorado têm contribuído, de alguma maneira e de fato, com a “formação de profissionais para o 3º grau” (mais uma vez, o tal *professor*)?

Engano nosso. Engano dos ingressantes nos referidos cursos, engano dos próprios cursos, engano com o futuro professor, engano com os futuros alunos desses profissionais, enfim, um grande engano para com a sociedade.

Apesar de tudo isto, temos a continuação - ou será o início? - da estória, ou seja, a Universidade Pública, de qualidade ímpar em nosso país, contrata tal profissional como sendo um *professor* ... ou seja, alguém que NUNCA se interessou pelas questões do ensino, agora deverá planejar, organizar, avaliar e ministrar aulas!

Parece-me de uma irresponsabilidade a toda prova, supor e exigir que este profissional, de uma hora para outra, como em um passe de mágica, tenha conhecimento, familiaridade e compromisso com as questões ligadas ao ensino.

Talvez esteja aí um dos pontos centrais - MAS NÃO O ÚNICO! - dos inúmeros problemas encontrados em muitos Departamentos das Universidades Públicas deste país, isto é, muitos *professores*-doutores evitam ao máximo ministrar aulas nos cursos de graduação, alegando grande número de alunos por turma, falta de motivação e interesse, ...

O impasse está colocado, cabendo às pessoas envolvidas e compromissadas com a Universidade Pública, a busca de soluções significativas em prol de um ensino de qualidade.

¹ Professor Assistente do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar.

² Entre outros títulos e autores, indico:

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1992.

Visualizo³, basicamente, quatro possibilidades de se tentar atingir o cerne da questão:

1ª) a Universidade começa a contratar pessoas específicas para cada uma das suas três funções básicas: pesquisadores/bacharéis para a pesquisa, professores para o ensino e algum outro profissional para a extensão - o que agradaria muitos *professores* e defensores do altíssimo grau de especialização das Ciências, do conhecimento, do Homem;

2ª) a Universidade, percebendo e assumindo sua ineficiência, passa a oferecer e a exigir que os profissionais contratados que não tenham tido algum tipo de contato com as questões relacionadas ao ensino, façam, por exemplo, cursos, vivências que o habilitem à tal função;

3ª) a mudança da estrutura e da visão dos cursos de graduação, eliminando uma briga tola e infrutífera existente entre licenciatura *versus* bacharelado;

4ª) a reorganização dos cursos de mestrado e doutorado, que super-valorizam a pesquisa e ignoram um dos seus objetivos que é a formação do profissional/professor que irá atuar no ensino superior.

No que se refere à Educação Física especificamente, acredito que tal problema AINDA não existe, pois, salvo raríssimas exceções, todos os professores ligados ao ensino superior público, têm sua formação caracterizada pelos cursos de licenciatura.

Isto não significa, entretanto, que na área não existam profissionais que não queiram ministrar aulas ou que as “pesquisas científicas” lhes chame mais atenção do que a árdua tarefa de ensinar, só por serem licenciados (em Educação Física).

Reforço aqui o dito anteriormente, ou seja, além deste escrito não ser um “tratado em favor das licenciaturas e contra os cursos de bacharelado”, fazer um curso denominado licenciatura, não garante, por si só, qualidade e competência a ninguém, a nenhum professor.

Entretanto, devemos estar atentos as relações existentes entre a formação profissional (professor universitário) e as novas estruturas curriculares em Educação Física.

Será, como muitos dizem, que a formação de bacharéis está, realmente, dissociada da função docente?

Recebido para publicação em: 25.10.96

Endereço para contato:

Rodovia Washington Luís, km 235 - Caixa Postal 676
CEP 13565-905 - FONE: (016) 274-8379
E-mail: fenomeno@power.ufscar.br

³ O fato de visualizar algumas possibilidades, não significa que eu concorde com elas e, mais do que isto, que tais possibilidades sejam tidas como a “solução dos problemas”; são apenas indicações.